

A busca existencial de D. Plácida no romance: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*Vladimir Gomes Silva (UNEMAT)¹

Resumo: Neste artigo encontram-se reflexões sobre a busca existencial da personagem D. Plácida, do romance: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. As reflexões são feitas a luz de aparatos teóricos e relações entre o ser fictício e o ser real (Personagem X Leitor). Procuramos entender como vai se dando a constituição deste ser fictício e de que maneira isso está relacionado à sua busca.

Palavras-Chave: Narrador, personagem, movimento, sofrimento, busca.

Abstract: In this article are reflections on the character's existential quest D. Placida, romance: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. The reflections are made of light apparatus theoretical and fictional relationship between being and being real (Character X Reader). We seek to understand how you will be giving this fictitious constitution and how this is related to your search.

Keywords: Narrator, character, movement, pain, search.

Introdução

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a busca que move o ser fictício de D. Plácida. Pretendemos entender como este ser condicionado pela relatividade humana vai se constituindo e ao mesmo tempo tomando caminhos que correspondam à busca a qual se propôs em sua vida. Propomo-nos a pensar o sofrimento como fator determinante no movimento desta personagem, levando-a apenas a buscar de tempo em tempo alívio em sua condição marcada pela dor.

1. Contextualizando a personagem

D. Plácida é uma personagem do romance: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, publicado em 1881. A narrativa é feita pelo defunto autor Brás Cubas, que vai tecer sua história com o fio de sua própria vida e com a de outras personagens. D. Plácida é uma destas personagens descrita pelo autor e que no presente trabalho vem a ser o recorte para nossas reflexões. Esta pessoa

¹ Graduando do curso de Licenciatura Plena em Letras na Universidade do Estado de Mato – UNEMAT, Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT. E-mail: vlady_119@hotmail.com

A busca existencial de D. Plácida no romance: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

fictícia ocupa um lugar de destaque no romance, ela aparece na narrativa para encobrir o adultério de Brás Cubas e Virgília, quando o caso entre os dois acaba, D. Plácida também some da narrativa, voltando apenas no fim com a descrição de sua morte. Como o próprio Brás Cubas diz: o sentido da existência da ex-doceira foi o de encobrir seu caso com Virgília. Mas essa passagem da personagem no romance nos permitirá refletir sobre algumas questões de nosso interesse.

2. Entre uma voz e outra

A palavra é dada à dona plácida poucas vezes no romance, e mesmo assim intermediada pelo narrador. Na maioria das vezes é o narrador quem descreve o comportamento da personagem. Porém, isso não tira a intensidade deste ser que fala no romance através do narrador. Segundo Bakhtin (2010, p.137)

O romancista pode também não dar ao seu herói um discurso direto, pode limitar-se apenas a descrever suas ações, mas nesta representação do autor, se ela for fundamental e adequada, inevitavelmente ressoará junto com o discurso do autor também o discurso de outrem, o discurso do próprio personagem(...)

Com esta citação de Bakhtin, não pretendemos dizer que D. Plácida seja a heroína do romance, o que buscamos é validar o discurso do ser fictício intermediado pelo narrador. Nós só sabemos o modo como dona plácida se comporta ao perceber que estava sendo envolvida em um caso de adultério entre Brás Cubas e Virgília, através da voz do narrador. Não é dada à D. Plácida a voz, o direito de se expressar em relação ao modo como se sentia naquele momento, de modo que o leitor fica à mercê do ponto de vista do narrador que embriaga o texto com ironia, dificultando assim a interpretação da personagem. Entretanto, se nos atentarmos à personalidade de dona plácida e a teoria de Bakhtin, citada acima, veremos que é necessário que Brás Cubas descreva as ações da ex-doceira para o leitor. É fundamental, adequada, inevitável a tomada das rédeas do discurso da personagem pelo defunto autor, pois, o ser de papel interpretado por nós, é um ser calado, introspectivo, escondido em si em relação ao desconforto moral que circula pelos becos de sua consciência. Ela só escancara para fora no discurso o

que pode lhe ajudar a ganhar os favores daquele em quem ela vê um caminho para prosseguir a sua busca. Usaremos aqui alguns momentos na narrativa em que a voz é dada à Dona Plácida. “Sossegue, interrompeu ela; eu saberei arranjar as coisas. Se ela estiver em casa não entro. (cap: CVI)” / “Ela há de estar bem triste, coitadinha!... (cap: CIII)” / “... Não tinha ninguém mais no mundo... (cap: LXXIV)”

Todas as vezes que este ser fictício fala no romance, ele apenas fala o que lhe convém em sua busca. Através do discurso deste ser, percebemos que ele não quer de maneira alguma contrariar o meio no qual vive, de tal modo que sempre estará falando para agradar o outro, remediar situações que possam lhe atingir, ou expondo suas dores para causar misericórdia no outro em relação a ele. Destas considerações é que achamos imprescindível a voz do narrador interpondo-se no discurso da personagem, pois, se o defunto autor não houvesse descrito as ações deste ser, nós teríamos apenas a imagem de um ser medíocre, plano, que não contem dentro de si, paradoxos, contradições, curvas e ambigüidades. É a partir da frieza da análise comportamental, que faz o defunto que agora escreve, que nós ouvimos o que está dito no silêncio de D. Plácida. E neste ponto, retomamos Bakhtin (2010) quando ele afirma que: se for fundamental ao narrador descrever as ações da personagem, inevitavelmente a voz da personagem também ressoará no discurso do narrador. Delongamo-nos nesta distinção da voz que fala no romance pelo fato de acreditarmos que está nesta fenda, entre uma voz e outra, as evidências do que trataremos adiante como: a curva da personagem em direção ao complexo. Pois no calar da personagem e no falar do narrador é que nos deparamos com a outra faceta do ser de papel.

3. Uma relação com o real

O motivo do ser fictício surgir aos olhos do leitor como alguém familiar se deve ao fato da sua caracterização física e psicológica ser uma invenção feita por Machado de Assis, pautada nos traços humanos. Segundo Forster (1998, p.44) a criação de uma personagem segue o seguinte caminho “Sua natureza, no entanto, está condicionada pelo que o romancista imagina sobre outras pessoas e sobre si

A busca existencial de D. Plácida no romance: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

mesmo, e, além disso, é modificado por outros aspectos de seu trabalho”. Sobre este assunto, temos também a visão de Antonio Candido que: (2002, p. 69)

(...)só há um tipo eficaz de personagem, a *inventada*; mas que esta invenção mantém vínculos necessários com uma realidade matriz, seja a realidade individual do romancista, seja a do mundo que o cerca; e que a realidade básica pode aparecer mais ou menos elaborada, transformada, segundo a concepção do escritor, a sua tendência estética, as suas possibilidades criadoras.

Comparando o crítico Antonio Candido e o teórico Forster, temos basicamente a idéia da personagem que é fruto do social e da criatividade do autor. Essas considerações têm como objetivo fazer com que olhemos para D. Plácida como um ser de papel, mas que carrega consigo as marcas do existir humano, de maneira que percebemos no sentir, no falar, no pensar da personagem traços característicos da humanidade de cada um de nós.

4. Uma curva em direção à complexidade

Forster (1998, p.65) dá às seguintes dimensões para as personagens “Podemos dividir as personagens em “Planas” e “Redondas”. Segundo Forster (1998) a personagem redonda é complexa, é constituída pelas contradições, sua psique tem várias camadas. Já a personagem plana, segundo ele, pode ser resumida em uma única idéia, dela não esperamos contradição, ela segue sempre um mesmo percurso, sempre andando em linha reta.

D. Plácida é uma personagem aparentemente plana, sua história não é um poço profundo de onde podemos tirar contradições, reflexões e indagações tão intensas quanto as que encontramos em *Brás Cubas*, todavia, quando o narrador descreve o comportamento da ex-doceira, ao perceber que estava encobrindo um caso de adultério, pode-se mapear uma curva em direção à personagem redonda. Forster (1998, p.66) ensina sobre a personagem plana que “Em sua forma mais pura são construídas ao redor de uma única idéia ou qualidade: quando há mais de um fator, atingimos o início da curva em direção a redondas”.

No capítulo LXX, Brás Cubas narra como se deu a entrada de Dona Plácida no seu caso com Virgília, e o defunto autor descreve a relutância que se dava na consciência daquele ser com padrões morais totalmente contrários a situação que ele passava a encobertar. Mas em alguns meses ele já estava habituado, e Brás Cubas diz “Era uma necessidade da consciência”. Dona Plácida não poderia viver em paz consigo mesma tendo uma consciência que lhe acusasse a todo instante, por isso ela movimenta de um pólo ao outro em seus princípios morais. Isso demonstra o movimento da personagem para a complexidade, é claro que essa complexidade não é tão pujante, corresponde apenas à caça existencial a qual ela se propôs (o não sofrer). A curva feita por D. Plácida consiste em sair de um lugar em que se têm juízos de valores que recriminam certa ação e logo adiante ser praticante da ação outrora recriminada.

5. Um ser marcado pelo sofrimento

Ao nos debruçarmos sobre o capítulo LXXIV, já podemos concluir rapidamente que a história de D. Plácida não é marcada pela felicidade. Toda a narrativa de sua vida apresenta as marcas da dor. E as ações mais expressivas dessa figura narrativa demonstram que há nelas apenas uma intenção de evitar o sofrimento. Brás Cubas reflete sobre o porquê os pais da ex-costureira tê-la-iam chamado ao mundo:

Chamamos-te para queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal, ou não comer, andar de um lado para outro, na faina adoecendo e sarando, com o fim de tornar a adoecer e sarar outra vez, triste agora, logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as mãos no tacho e os olhos na costura, até acabar um dia na lama ou no hospital; foi para isso que te chamamos, num momento de simpatia. (Assis, 1991)

Temos neste trecho da narrativa o ponto de vista do narrador em relação à personagem. Ele baseia esta opinião na história de vida que a personagem lhe contou. Não é verídica essa conversa entre D. Plácida e seus pais, todavia, gostaríamos de nos ater aos fatos que compõe a conversa, pois, eles são verídicos, foi realidade na vida de dona plácida.

A busca existencial de D. Plácida no romance: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

O ser fictício que foi convocado para esta peregrinação de dor, é apenas um pano de fundo usado pelo autor, para receber do mundo real a projeção da realidade de muitos seres reais. Ela é o estereótipo do ser que esmagado pela dor tem que então passar pela vida sem ao menos flertar com o prazer, ou com qualquer outra atividade que não seja a busca da minimização do sofrimento. Nenhum interstício há para que o lampejo de outra realidade seja visualizado.

Quando D. Plácida é convidada por Virgília para morar na casinha no recanto de Gamboa, ela sabia que essa nova etapa de sua vida não seria um lugar onde ela se libertaria da dor. Logo ela já percebeu que a dor agora só migrava do corpo para consciência, pois, a partir daquele momento o corpo tinha abrigo e conforto. A consciência, entretanto, passava a estar desabrigada, nua e passível a beliscões éticos e morais. Essa ação que leva a personagem do anonimato para uma casinha e como consequência lhe garante um lugar no romance é apenas um deslize para um recanto onde se pode descansar, muito embora, não se possa parar.

No Capítulo LXXXIII ela sente que talvez tenha chegado o momento de peregrinar mais uma vez pela vida, pois, Brás Cubas e Virgília cogitavam ir para uma província com Lobo Neves. E a acompanhante assombrada novamente pelo esquecimento, já perguntava se o casal esquecer-se-ia dela. Essa reação é a de alguém que já se acostumou com o infortúnio, e que, mesmo quando descansa debaixo de uma sombra sente que a qualquer momento o sol pode voltar a lhe fustigar.

6. Um ser movido pela busca

Através do ser fictício interpretado, aprendemos que o ser humano vai se tornando complexo à medida que se embrenha no processo da sua caça existencial. Pois terá que aprender a lidar com atalhos, voltas, desencontros, paradoxos, dualidades e todo tipo de imprevistos que aparecem na vida. Usamos o termo *caça* no sentido que propõe Montaigne (Apud. Compagnon, 2010, p. 45),

porém, neste texto usaremos o termo *busca* como usa Compagnon. A busca do ser fictício interpretado é o não sofrer ou ao menos a minimização do sofrimento como já propomos acima. E quando ele encontra um caminho que pode colocá-lo na direção de sua busca, ele se movimenta para contradição, como um caçador ao mudar de trilha no encalce da sua caça.

James (Apud, Todorov, 2008, p. 119) fala da *ação* da personagem no romance. Entendemos esta *ação* como o movimento da personagem. Todorov (2008, p.119) conclui a partir da idéia de James: “Não há personagem fora da ação, nem ação independentemente de personagens”. Tanto em James, quanto em Todorov e Compagnon, o que prevalece é o movimento. O ser fictício só existe em ação, seja ela física ou psicológica, e ação no romance só pode ser feita pelo sujeito, seja ele de qualquer espécie. D. Plácida só tem sentido para nós devido a esta junção entre ela e a ação. Quando ela fala, pensa e até mesmo quando silencia podemos sentir um movimentar-se para algum lugar, e este lugar sempre é um passo em direção ao que ela se propôs buscar.

A ex-costureira passou pela vida em silêncio, despercebida pelos outros, como narrou Brás Cubas “saiu da vida às escondidas, tal qual entrara”, todavia, não foi assim perante os olhos da dor, da injustiça, das desigualdades, dos abrolhos que fustigam os mais fracos nos desvãos das contingências humanas. Perante estes, Dona Plácida esteve sempre presente. A solidão parece ter encontrado nela uma companhia, pois todas as pessoas que lhe davam a sensação de estar acompanhada foram morrendo ou a abandonando. A moral e a ética viram nela um campo experimental para fazer testes com a fragilidade da vontade humana, esparramando na consciência da ex-costureira leis contraditórias às relações sociais: sobreviver à custa da cumplicidade em um caso de adultério, usar sua fé para interceder por aquele que comprou com cinco contos, seus princípios morais, éticos e religiosos.

A não ser seu marido, que morreu precocemente, todas as outras pessoas a usaram ou simplesmente foi um fardo pesado para ela: a sua mãe desejava que ela se casasse com o primeiro que assegurasse o bem-estar delas, a filha a abandonou. Virgília e Brás Cubas a usaram como cortina para encobrir um adultério, e no fim

A busca existencial de D. Plácida no romance: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

de sua vida um carteiro roubou o pão de sua velhice. Brás Cubas, a pedido de Virgília a acudiu para que não morresse na miséria, entretanto, para eles isso não tinha nada a ver com o amor a Dona Plácida, mas sim com a lei da equivalência das janelas pensada por Brás Cubas no capítulo CV.

A busca de Dona Plácida parece ser a mais ínfima de todas, pois, no fundo o que ela busca é a distância da dor, o não sofrer. Ela não é uma pessoa fictícia com grandes sonhos ou ambições, nela não encontramos um ser que não aceita a sua condição e que questione a realidade. Ela é passiva, quando movimenta de um pólo ao outro em sua condição, não significa que ela esteja confrontando sua realidade, mas, apenas faz como um homem que incomodado pelo sol que lhe castiga vai se contentando apenas com as sombras das nuvens que de tempo em tempo encortina o céu. Este ser de papel trava dentro de si uma batalha que só é trivial aos olhos do leitor que não aceita a verdade da personagem, deste ser morto no papel, mas, que se torna vida no diálogo com o leitor. Antonio Candido nos ensina (2002, p.54) “Não espanta, portanto, que a personagem pareça o que há de mais vivo no romance; e que a leitura deste dependa basicamente da aceitação da verdade da personagem por parte do leitor”. É, ao aceitarmos a verdade do ser de Dona Plácida que conseguimos perceber o quanto é intrincado este movimento que ela faz da moral para o amoral. Se o leitor não se deixar envolver pelo drama da personagem, olhando para ela como um ser vivo, sensorial, emotivo, reflexivo, sujeito às mesmas paixões humanas que ele, dificilmente este leitor será uma boa companhia para D. Plácida em sua busca. O final da existência de D. Plácida choca o leitor. O defunto autor relata os fatos com uma frieza típica de alguém que não habita mais o mundo dos vivos.

Depois do almoço fui à casa de D. Plácida; achei um molho de ossos, envolto em molambos, estendido sobre um catre velho e nauseabundo; dei-lhe algum dinheiro. No dia seguinte fi-la transportar para a Misericórdia, onde ela morreu uma semana depois. Minto, amanheceu morta; saiu da vida às escondidas, tal qual entrara. (Assis, 1991)

O fim de sua vida não fugiu à regra seguida do início e meio (o sofrimento). Ela encontrou outro ser que também era movido pela busca, e este tomou dela o pão de sua velhice. Os cinco contos com os quais Brás Cubas havia comprado sua consciência, tornaram-se o osso de uma disputa entre ela e o carteiro. Como o próprio Brás Cubas narra no capítulo CXLV “É o caso dos cães do Quincas Borba”. E assim como foi na disputa dos cães, também o foi na disputa entre D. Plácida e o carteiro; levou o osso quem foi mais forte. Em outras palavras, o fim da vida da ex-costureira é apenas a síntese de toda a sua existência. D. Plácida não deixa ao leitor a sensação causada por um conto de fadas; com todos felizes para sempre. Todavia não é na história da ex-costureira que nos aproximamos mais da imprevisibilidade do existir humano? Não seria nesta busca na qual só sabemos o que buscamos, porém, nunca tendo a certeza de quando alcançaremos, que realmente se constitui a vida do ser real? A pessoa fictícia interpretada por nós é este ser, que simplesmente busca não sofrer, muito embora tenha sofrido a vida toda. Não importa, entretanto, o fato de ela não ter encontrado o que buscava, pois como nos ensina Compagnon (2010, p. 44) “Não digamos, entretanto, que não progredimos, porque o prazer da caça, como lembrava Montaigne não é a captura...”. A busca existencial deste ser fictício é que faz com que o humano reverbere em cada detalhe deixado por ele na obra.

Referências

- ASSIS, Machado. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ática, 1991.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética (A teoria do romance)*; São Paulo: Editora Hucitec, 2010.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*; tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo, Fontes Santiago. 2. Ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. 10. Ed. – São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.
- FORSTER, Edward. *Aspectos do Romance* – tradução; Maria Helena Martins. São Paulo: Globo, 1998
- TODOROV, Tzvetam. *As estruturas narrativas* – tradução; Leyla Perrone – Moisés. – 5. Ed. – São Paulo: Editora Perspectiva 2008.